

MEMÓRIAS DA FEBRE DE SERRA PELADA: CRÔNICA EM TEMPO DE QUARENTENA

Kayla Pachêco Nunes¹

A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

Eduardo Galeano, *Dias e noites de amor e de guerra*

Por coincidência ou não, justamente em um dos períodos mais críticos dessa quarentena contra o novo Coronavírus, a notícia do encontro entre o atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, e um dos nomes da repressão à Guerrilha do Araguaia e da exploração do ouro no país, Sebastião Curió, despertou calorosas conversas nas redes sociais nesse início de maio².

Totalmente alienada sobre a simbologia do encontro e o que isso pudesse representar para as disputas no campo do discurso em torno da democracia no país, contive-me a observar os comentários dos que conheciam a história daquele homem com apelido de pássaro, figura que ganha contornos mitológicos no cenário do norte. À medida que passavam as horas e os comentários levavam a outros fatos da história de nossa região, minha curiosidade inquietava-me. A rotina no trabalho e os afazeres domésticos tiraram minha atenção por algumas horas.

Mais tarde, de volta aos grupos de conversas virtuais, o assunto ainda não havia sido superado. As discussões trouxeram à tona memórias longínquas e recentes do ciclo do ouro no meio norte brasileiro. Décadas de degradação ambiental em busca do mineral precioso que deixou cravados nos barrancos dos garimpos, muitos episódios de violência, corrupção, contágio de doenças e que resultou no que se compreende como “febre da Serra Pelada”.

Afinal de contas quem seria esse Curió? Por que sua visita não agendada ao primeiro mandatário do país suscitou tanto alvoroço em meio a pesquisadores do meio norte brasileiro? O que esse idoso de aparência frágil em sua cadeira de rodas tem em comum com a história do

¹ Graduada em Letras, professora da educação básica na rede estadual do Tocantins, mestranda pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, ProfLetras, da Universidade Federal do Tocantins. E-mail: kayla_pacheco@hotmail.com

² Essa visita se deu no dia 4 de maio de 2020, um dia após novas manifestações de apoiadores do presidente que defendem o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal pela instauração de uma ditadura, como a que se sucedeu após o Ato Institucional número 5. As manifestações que tiveram por palco Brasília contaram com a presença de Bolsonaro, contrariando as indicações contra aglomerações que podem agravar a contaminação pelo Covid-19. O registro da visita de Curió ao presidente pode ser conferida em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/04/bolsonaro-recebe-major-curio-que-comandou-repressao-a-guerrilha-do-araguaia-durante-a-ditadura.ghtml> Acesso em 06 mai. 2020.

garimpo? Bastou uma rápida busca na Internet para começar a derrotar aquela ignorância do início do dia.

Fico então sabendo que se trata do tenente-coronel reformado do Exército Sebastião Curió Rodrigues de Moura, de 85 anos, conhecido como "Major Curió", um dos pseudônimos de que se utilizou como ator na repressão perpetrada pela ditadura militar (1964-1985) aos militantes do PCdoB envolvidos no que a historiografia denominou como *Guerrilha do Araguaia*. Em função de sua participação nos assassinatos e sequestros de guerrilheiros na região do Araguaia nos anos 70, foi indiciado seis vezes pelo Ministério Público Federal, sendo considerado um dos principais nomes da ditadura militar ainda vivos.

Para a imprensa e a *Comissão Nacional da Verdade*, esse personagem seria um dos 377 agentes do Estado brasileiro que praticaram crimes contra os direitos humanos. Por isso mesmo, a notícia de sua visita ganha destaque nacional e acena para as afinidades entre o atual presidente e as políticas empreendidas durante os anos de chumbo. No campo da disputa pelos sentidos da história, elege o dos que legitimam as ações da ditadura.

Mas e sua relação com o garimpo de que tanto falaram durante o dia? Recorrei então a fontes humanas. Para um jornalista de meu convívio, o Major Curió, cunhado do então presidente da república à época, João Batista Figueiredo, foi o homem responsável por organizar e legalizar a atividade comercial no garimpo de Serra Pelada. Por essa relação a história do garimpo, levou-me ao povo de minha região.

Sobre as lendárias “bamburradas” e muitas outras narrativas que compõem o folclore desse período na história, atrevo-me chamar de mito o sonho de Serra Pelada. Trata-se de mito porque, após 40 anos, centenas de homens e mulheres ainda respiram a esperança de receber pequenas fortunas com suas famosas “carteiras de garimpeiros”.

Entre tantas narrativas suscitadas, senti-me desafiada a ouvir e recontar uma dessas experiências que chegaram até mim. Durante as conversas sobre aventuras e personagens do garimpo, afirmei não conhecer de perto nenhum com atuação de destaque na região de Curionópolis, no estado do Pará, sendo imediatamente confrontada por tantos exemplos que merecem ser rememorados, afinal, nasci e cresci no Bico do Papagaio, celeiro de garimpeiros! Bastou uma mensagem pelo celular para que em minutos as narrativas brotassem como o ouro das décadas de 70 e 80. Entre elas, a de meu pai, um homem à véspera de completar seus 60 anos, que não foi garimpeiro, mas trabalhou por alguns meses transportando aqueles que iam tentar a sorte na lama, em busca do ouro.

Natural de Sítio Novo do Tocantins, no auge de seus quase 20 anos, o filho mais velho de um casal de agricultores tentou conseguir o sustento da família transportando garimpeiros para a famosa Serra Pelada.

Muito receptivo com a proposta de colaborar com sua narrativa para amenizar a ignorância da filha sobre essa parte da sua história, entre sorrisos, Antônio Luiz, conhecido como Machado, disse estar contente em ficar famoso depois de velho. Antes mesmo de ser inquirido por perguntas sobre o tema, principiou:

“Tem um bocado de garimpeiros que conheço. O Valdemar chegou do garimpo um dia desses ele tem até um ourinho guardado”, ressaltou ao citar uma dezena de nomes de pessoas de seu convívio “Sinhozinho, Macário, Paizim... todos esses aí foram pro garimpo”, a maioria homens. Destaca, porém, a prima Dadá, mulher que viveu por mais de 20 anos nas regiões fronteiriças do Brasil e enfrentou todos os desafios e perigos que os garimpos do extremo norte brasileiro e de países vizinhos apresentavam.

Quando questionado sobre sua experiência no garimpo, foi enfático em delimitar seu ofício naquela época: “Eu fui lá, mas não foi pro garimpo, fui transportar os garimpeiros”.

Durante cerca de seis meses, no volante de uma camionete modelo D10, sua rotina foi constituída pela rota entre o Bico do Papagaio, então estado de Goiás e o sul do estado do Pará, pela rodovia Transamazônica.

“As viagens que fiz para a Serra Pelada foi carregando gente. Era tudo de chão na época, só tinha asfalto do Marabá para lá e as pontes eram velhas e de ferro. A gente saía cinco horas da manhã daqui do porto da balsa e chegava lá quatro horas da tarde, duas horas da tarde... só fazia descarregar e voltar carregado de novo, vindo dormir em casa no mesmo dia para sair cedo outra vez. Às vezes dormia lá porque não tinha passageiro para voltar à tarde. Era desse jeito aí, um rojão pesado. Ia carregado e voltava batendo, às vezes, porque era muita gente indo para a serra. Outras vezes pegava passageiro pingado de volta”. É o que me conta, meio confuso sobre a duração das viagens diárias entre Tocantins e Pará e o grande fluxo em direção à terra dourada.

Para meu pai, era um serviço organizado e prestado à comunidade de acordo com a lei da oferta e procura, praticada nos últimos anos de regime ditatorial. Quem podia pagar mais, tinha mais conforto na viagem; quem tinha pouco, padecia no pau-de-arara, apelido dado aos veículos de carroceria e, ainda, a um aparelho de tortura utilizado contra os rebeldes “subversivos” daquele período.

“Eram 15 pessoas na camionete, a carroceira carregava 12, e carregava três junto comigo na frente. Eu era o motorista e pagava a passagem dobrada quem ia na cabine. Naquele tempo o negócio era terrível. Assim, os outros era no poeirão, no pau-de- arara mesmo sob a capota de pau de cima da camionete”.

Sobre a moeda da época, valores cobrados nas passagens, ele faz um esforço para lembrar, mas confunde-se e pede ajuda. “Tem que buscar no *Google* aí pra ver qual era a moeda entre 78 até 93, por aí...até 83, 93 não, 83/84, por aí, porque foi a moeda da época, de 78 a 84, na época do fogo de Serra Pelada. Eu não lembro se era cruzeiro, mas parece que era cruzeiro, no tempo do barão, parece que era... Estou lembrado bem direito não, porque mudou tanto a moeda, mudou para cruzado novo, mudou para cruzeiro de novo, depois mudou pra real, é uma salada aí”.

Além de recorrer às ferramentas de busca disponíveis na atualidade, observei uma leve crítica à instabilidade econômica dos anos narrados, com destaque para a expressão “fogo de Serra Pelada”, na tentativa de enfatizar os anos de maior movimento em um dos maiores garimpos do Brasil. O fogo aqui simboliza a efervescência de sonhos que levaram uma legião de homens, depois um punhado de mulheres, à região amazônica para tentar a sorte grande de encontrar uma pepita de ouro. Se bamburrassem, estariam ricos. Não importa que moeda estivesse em vigor, ouro nunca desvaloriza, não é mesmo?

Embora não conhecesse o ofício de garimpeiro, pelo *boom* vivido no momento, e com o apoio de seu pai, ele conta que apostaram as economias investidas em gado na compra da camionete que serviria de transporte alternativo na rota do ouro. Nesse trecho da conversa, lembrei-me de uma narrativa parecida encadeada há uns dois anos por meu avô, justamente sobre famosa D10, primeiro carro que a família possuiu a muito custo e sacrifício, embora por pouco tempo.

“Era uma correria, um formigueiro de gente, tudo entrando pra Serra Pelada. Comprei a camionete de sociedade com o pai, trocamos em gado. Mas as viagens que fiz foram até poucas porque vendemos a camionete depois que peguei uma malária e adoeci, fiquei fraco e velho. Aí fiquei puxando passageiro no ano de 83 uns seis a sete meses por aí assim. Aí carregando passageiro para ver se ganhava dinheiro”.

A experiência breve ia sendo registrada em áudios por telefone, afinal, estamos na quarentena, marcados pela distância dos familiares. Meu pai narra como sofrida, pouco rentável, porém atrativa, uma ilusão a vida no garimpo. Seu contato com esse universo se deu

num período curto, mas intenso e inesquecível, registrando na memória a fim de que não fosse repetida.

“Estrada ruim, cortava pneu, o carro quebrava demais. Era uma dificuldade. Mas não era só eu não. Era muita gente puxando passageiro. Era tão tanto que os carros lotavam tudo de manhã e ainda ficava gente aqui nesse porto da balsa para outro dia porque não cabia, não tinha como levar todo mundo”. O porto da balsa é a divisa dos estados do Maranhão e Tocantins, no povoado Bela Vista.

Mas, se havia passageiros a perder de vista, dia após dia, por que não foi uma experiência lucrativa? Tão espontânea e natural, sem rodeios ou modelagem, antes de indagá-lo, a resposta já estava pronta, entrelaçada na fala anterior como elos de uma corrente, bruta como uma pepita.

“Não foi lucrativo não, porque não tínhamos estrada. Nós só tínhamos ilusão, achar que garimpo dava dinheiro. Garimpeiro tinha muito dinheiro na época, só que o que a gente ganhava não dava nem para consertar os carros quando quebrava demais. Não tinha como ter lucro não. Na realidade, se for contabilizar, tivemos foi prejuízo. É tipo da ilusão, a ilusão do garimpeiro, é a ilusão de quem quer ganhar dinheiro igual nós que não queríamos ir para o garimpo mas queria carregar o povo. Tudo é da mesma forma porque garimpo é só ilusão, quando um ganha, mil não ganham, igual loteria. Então isso aí é só ilusão, ilusão de ótica”, refletiu.

Tantas vezes o substantivo abstrato “ilusão” tomou conta do discurso que a conversa desembocou num desabafo acompanhado de um suspiro. Na experiência de narrar um acontecimento pelo viés da memória, o ex-motorista da Serra Pelada encerrou sua narrativa num comparativo com a constatação do presente, da herança que a febre do ouro deixou.

Entre idas e vindas, mais de quarenta anos após viver o sonho do ouro, entre as profissões de vaqueiro, representante comercial, assistente administrativo e diretor de um hospital, ambas exercidas no Tocantins, voltou ao sul do Pará e trabalhou por dez anos novamente como motorista, desta vez não por conta própria, nem no garimpo, mas em uma empresa prestadora de serviços de transporte à mineradora *Vale*. A memória da aventura de juventude cruza com o presente e traz constatações do que ficou marcado. De novo se encontra às voltas com o minério, mas se trata agora de um novo ouro retirado das entranhas paraenses.

“Há uns oito meses atrás tive lá na Serra Pelada e o que sobrou lá foi só doença, Aids, hanseníase, droga. Uma bacia lá onde era o buraco da mina, do garimpo, está como um tanque de água mais enorme do mundo com a ilusão de garimpeiros. A maioria já morreu ou ficaram velhos e os outros, que sobraram, ficaram por isso mesmo. É ilusão do garimpo isso aí”.

Encerrei meu dia menos ignorante sobre mais um episódio da história de minha região, que atravessa a história de minha vida. Estudamos história sem que nos demos conta de que ela nos constitui como sujeitos. Dessa entrevista, saímos com a proposta de ouvir os garimpeiros do povoado onde meus familiares residem, em especial a Dadá, e com a intenção de visitar a Serra Pelada, de ver com meus olhos o cenário desenhado pelas palavras de meu pai. É necessário ouvir outras vozes, para produzir sentidos que não se encontram nos livros ou no jornal.

Recebido em 05 de maio de 2020

Aceito em 06 de maio de 2020